



Medidas para a conservação das espécies e habitats identificados na UGF da CL

***Pernis apivorus* (Bútio-vespeiro)**

Esta espécie está classificada como vulnerável devido ao reduzido número de indivíduos (menos de 1.000 indivíduos maduros) em Portugal Continental. Na CL estimamos que tenham ocorrido nos últimos anos 3 a 4 casais desta espécie, com fortes probabilidades de um casal nidificar na área do Poceirão.

Medidas de conservação

- Manutenção de áreas de montado de sobre densos nas imediações de áreas abertas (Silha do Matias, Lavradas, Malhadio dos Touros);
- Manutenção da diversidade florestal, nomeadamente não erradicando pinheiros bravos e mansos do montado;
- Encabeçamento do gado baixo.

***Accipiter gentilis* (Açor)**

Está classificada em Portugal Continental como vulnerável devido ao reduzido número de indivíduos (inferior a 1.000 indivíduos maduros). Na CL, apesar de existirem áreas de habitat potencial, esta espécie foi registada apenas uma vez no pinhal da Carrasqueira (junto aos povoamentos mais antigos). Este facto deve-se a ser uma espécie com hábitos bastante discretos e que ocorre normalmente em baixas densidades ao longo da sua área de distribuição.

Medidas de conservação

- Gestão dos pinhais garantindo a existência de povoamentos maduros e/ou povoamentos jardinados que garantem a existência de um estrato de árvores adultas;
- Gestão da UGF com garantia da preservação do equilíbrio das populações existentes, quer através da gestão própria quer da segurança contra acções abusivas perpetradas do exterior (neste caso, principalmente de pombos e corvídeos);
- Manutenção do uso do solo diversificado em termos agrícolas e florestais mas sem excessiva fragmentação.

***Hieraetus fasciatus* (Águia-de-bonelli)**

Está classificada como estando em perigo em virtude de ter uma população muito reduzida (entre 50 a 250 indivíduos adultos) em Portugal Continental. A população arborícola em Portugal parece estar em recuperação em termos de efectivo e plasticidade (Luís Palma). Na parte sul da bacia do Tejo e nas planícies alentejanas, nidifica por norma em cursos de água onde a espécie tem à sua disposição tanto escarpas como eucaliptais e pinheiros-bravos grandes para nidificar, rodeado por cerealicultura extensiva, pastagens, pousios, matos e montados (Inácio e tal. 1999b,



Companhia das Lezírias

Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

MC Pais, com. Pess). Na CL existe um dos dois únicos casais conhecidos em Portugal Continental que habitam em estuários.

Medidas de conservação

- Preservação dos povoamentos de pinheiro bravo nas imediações de áreas de alimentação, ou seja, junto de áreas abertas, agrícolas ou de pastagens nas imediações do Rio Sorraia e do estuário (pinhal de Vale Frades);
- Manutenção do aspecto visual geral dos povoamentos, com a manutenção de diversos bosquetes com, pelo menos, uma a duas árvores de grandes dimensões;
- Manutenção de tranquilidade no período de Dezembro a Junho;
- Aplicação atempada das medidas de erradicação do nemátodo como forma de minorar o risco das árvores de grande porte.

***Falco subbuteo* (Ógea)**

Está classificado em Portugal Continental como vulnerável devido ao número reduzido de indivíduos (menos de 1.000 indivíduos maduros). Na CL existem nos últimos anos dois registo s desta espécie sempre em povoamentos de pinhal.

Medidas de conservação

- Manutenção de áreas de montado de sobre densos nas imediações de áreas abertas (Silha do Matias, Lavradas, Malhadio dos Touros);
- Gestão da UGF com garantia da preservação do equilíbrio das populações existentes, quer através da gestão própria quer da segurança contra acções abusivas perpetradas do exterior (neste caso, principalmente outras rapinas e corvídeos);

***Caprimulgus europeus* (Noitibó-cinzento) e *Caprimulgus ruficollis* (Noitibó-de-nuca-vermelha)**

Classificadas como vulneráveis devido principalmente ao declínio continuado da população e do seu habitat em Portugal Continental. População estimada entre os 1.000 e os 10.000 indivíduos. As duas espécies de noitibós são apresentadas em conjunto pois (1) a CL encontra-se na área de simpatia das espécies e (2) as medidas e ameaças são semelhantes. Na CL nidificam as duas espécies, quer em áreas de pinhal quer em áreas de montado (ex. pinhal da carrasqueira, montados da zona central da CL).

Medidas de conservação

- Manutenção de áreas extensas de habitat que possuam zonas abertas intercaladas com bosquetes e uma política florestal;
- Manutenção das pastagens biológicas e da silvo-pastorícia extensiva;



Companhia das Lezírias

Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

- Procurar controlar a vegetação espontânea antes do período de nidificação (principalmente no Outono), em particular nas zonas confirmadas de nidificação;

Picapau-galego *Dendrocopos minor*

É uma espécie sem estatuto de conservação desfavorável, cujas populações aparentemente estão estáveis, mas com distribuição reduzida em Portugal e Espanha. Nas áreas florestais da CL é uma espécie frequente, apresentando uma distribuição ampla.

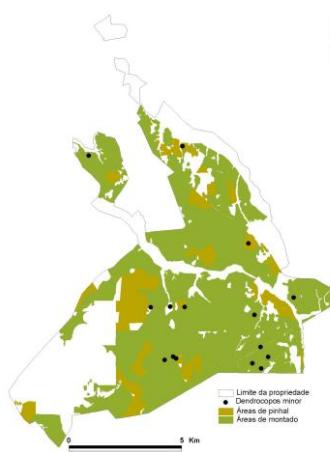


Figura 1 – Mapa de distribuição do Picapau-galego na Charneca da CL

Medidas de conservação

- Permanência de algumas árvores secas e evitar cortes entre Março e finais de Agosto;
- Monitorizar o sucesso das caixas-ninho distribuídas

Rabirruivo-de-testa-branca *Phoenicurus phoenicurus*

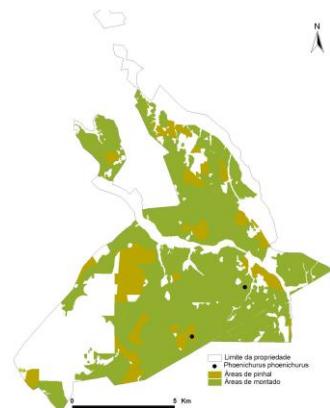


Figura 2 – Mapa de distribuição do Rabirruivo-de-testa-branca na Charneca da CL



Companhia das Lezírias

Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

É uma espécie sem estatuto de conservação desfavorável mas cuja distribuição em Portugal e Espanha é reduzida. A sua população nidificante está concentrada na Europa onde apresenta um estatuto desfavorável de conservação. Devido à baixa percentagem de ocorrência desta espécie no nosso território, deve-se tomar especial atenção aos locais potenciais de nidificação. Apesar de existirem apenas dois registo na CL, estes referem-se a aves com comportamento territorial em locais propícios à nidificação.

- Manutenção de alguns pinheiros de grandes dimensões em montado;
- Manter e promover os matagais de frutificação outonal, nomeadamente zambujeiros, aroeira, .

Felosa-ibérica *Phylloscopus ibericus*

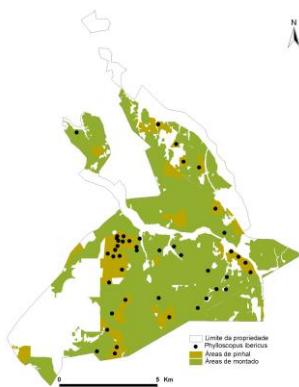


Figura 3 – Mapa de distribuição da Felosa-ibérica na Charneca da CL

A distribuição da Felosa-ibérica na Europa restringe-se a 3 países (Portugal, Espanha e França). Uma vez que escasseiam dados de Espanha e França, a estabilidade do efectivo reprodutor desta espécie deve-se em grande parte ao efectivo nacional, onde não apresenta estatuto de conservação desfavorável. A sua inclusão nesta lista deve-se ao elevado número de registos na CL o que realça a sua importância para esta espécie.

- Protecção das linhas de água e respectiva vegetação através da exclusão do pastoreio e da não mobilização do solo ou destruição da vegetação;
- Recuperação activa da vegetação ripícola e criação de sebes naturais;
- Conservação do estrato arbustivo no interior dos pinhais bravos.

Felosa-de-bonelli *Phylloscopus bonelli*

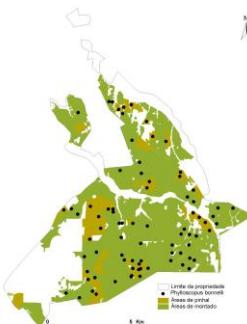


Figura 4 – Mapa de distribuição da Felosa-de-bonelli na Charneca da CL



Companhia das Lezírias

Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

A maioria da sua população encontra-se concentrada na Europa onde apresenta um estatuto desfavorável de conservação. Em Portugal é uma espécie Não Ameaçada mas com distribuição reduzida. A CL revela, pelo elevado número de registo, um elevado interesse para a espécie no contexto nacional.

- Exclusão de pastoreio em áreas de transição entre pinhais e montado e nos pinhais.

Picanço-barreteiro *Lanius senator*

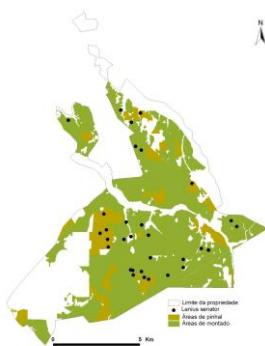


Figura 5 – Mapa de distribuição do Picanço-barreteiro na Charneca da CL

Nos últimos anos tem-se assistido a uma diminuição generalizada da população de Picanço-barreteiro. Em Portugal a sua redução tem sido bastante acentuada, o que numa espécie com estatuto de Quase Ameaçada pode indicar uma revisão de estatuto em breve. Este facto realça a importância de preservar os núcleos onde a espécie ocorre com frequência, caso da CL. Na área de estudo a sua distribuição é ampla, contudo existe um maior número de registos na zona central da área.

- Manutenção de um mosaico de coberto herbáceo e arbustivo na zona central.

Bico-grossudo *Coccothraustes coccothraustes*

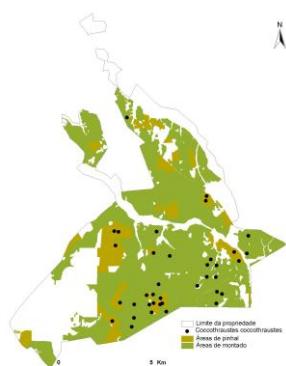


Figura 6 – Mapa de distribuição do Bico-grossudo na Charneca da CL



Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

O elevado número de registos de Bico-grossudo na área de estudo contrasta com o que é o panorama Ibérico. Este facto, por si só, mostra a importância das áreas florestais da CL para a preservação desta espécie. Muitos contactos estão associados a zonas de pinhais mais antigos e a áreas de montado antigos com sub-coberto.

- Manutenção de pinheiros no montado;
- Recuperação activa da vegetação ripícola e criação de sebes naturais;

Mamofauna

Estão a ser realizados estudos que permitirão conhecer melhor a realidade em termos de mamofauna existente na CL. Da lista de espécies já apuradas há a destacar, em termos de conservação, o Toirão (*Mustela putorius*), o Gato-bravo (*Felis silvestris*) e o Rato de Cabrera (*Microtus cabrerae*).

***Mustela putorius* (Toirão)**

Devido à falta de dados sobre o seu efectivo populacional em Portugal, não é possível avaliar o seu risco de extinção pelo que está classificado como “Insuficientemente conhecido”.

O toirão é considerado generalista em termos de habitat. Ocupa todo o tipo de habitats, incluindo florestas, desde que não muito densas, matos, vegetação ripícolas, terrenos agrícolas e alagados e orlas, tirando partido de paisagens em mosaico (Blandford 1987, Roger e tal. 1988).

A conservação passa por uma melhoria do conhecimento sobre esta espécie, de acções de sensibilização ambiental e da preservação da qualidade do habitat.

Na CL foram encontrados dejectos e pegadas sobretudo ao longo de linhas de água com especial incidência em Vale Cobrão.

- Recuperação activa da vegetação ripícola e criação de sebes naturais;

***Felis silvestris* (Gato-bravo)**

Está classificado como vulnerável em virtude de ter ocorrido uma redução do tamanho da população que poderá ter atingido os 30% nos últimos 24 anos.

Ocupa habitats florestais, tais como matagais mediterrânicos, florestas e bosques caducifólios ou mistos e, marginalmente, florestas de coníferas, podendo também ser encontrado em habitats abertos (Fernandes 1991, Kitchener 1991, Abreu 1993). As áreas ocupadas pela espécie caracterizam-se também por uma baixa densidade humana, sendo evitadas áreas de agricultura intensiva (Easterbee et al. 1991, Fernandes 1991). As zonas rochosas parecem ser um micro-habitat preferido. No Parque Natural de Montesinho, estudos de selecção de habitat indicam que o bosque é a categoria de vegetação preferida, sendo os prados o principal local de caça e o souto explorado como abrigo, destacando o carácter antropófobo da espécie (Fernandes 1991); na Reserva Natural da Serra da Malcata, Abreu (1993) refere a utilização, durante os períodos



Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

de actividade, de habitats de vegetação fechada, como mato com ou sem estrato arbóreo, carvalhal e plantação de pinheiro com mato desenvolvido, ocorrendo também em zonas abertas, como pastos entremeados com matos e matos com estrato arbóreo; os locais de repouso situam-se em carvalhal, em plantações de pseudotsuga sp. Com mato; Sarmento & Cruz (1998) referem a preferência da espécie por bosques de carvalho-negral, giestais, urzais, estevas, medronhais e terrenos agrícolas.

- Manutenção de manchas de matagal desenvolvido;
- Controlo dos gatos ferais,
- Manutenção da tranquilidade fora das áreas sociais.

***Microtus cabrerae* (Rato de Cabrera)**

Classificado como vulnerável devido à reduzida área de ocupação, cerca de 2.000 Km². Admite-se uma fragmentação elevada e um declínio continuado da área de ocupação, da área, extensão e qualidade do habitat, do número de subpopulações e de indivíduos maduros.

As suas colónias ocorrem em formações de gramíneas perenes, juncais, comunidades nitrófilas, margens de ribeiras temporárias, solos alagados e, embora mais ocasionalmente, junto das orlas de ribeiras permanentes (Fernández-Salvador 1998).

Nos climas mediterrânicos sub-húmidos e subestepários, utiliza zonas com menor produtividade como terrenos de gramíneas altas mas secas, por vezes associadas a diversos tipos de carvalhos como *Quercus rotundifolia*, *Q. faginea*, *Q. ilex* e, por vezes, *Q. pyrenaica* (San Miguel 1992).

- Protecção das linhas de água e respectiva vegetação através da exclusão do pastoreio e da não mobilização do solo ou destruição da vegetação;
- Manutenção de áreas de herbáceas com exclusão do pastoreio.

Outra fauna

***Anguilla anguilla* (Enguia-europeia)**

Está classificada como espécie em perigo em virtude de se estimar que tenha ocorrido nos últimos 18 a 24 anos uma redução de cerca de 75% no número de indivíduos maduros.

Ocorre em todos os tipos de ecossistemas aquáticos, tanto dulciaquícolas, como salobros ou marinhos. As massas de água continentais (salobras e dulciaquícolas) de carácter permanente constituem o principal habitat da espécie.

- Pesca ordenada na CL.

***Chondrostoma lusitanicum* (Boga-portuguesa)**

Está classificada como espécie criticamente em perigo devido a uma provável redução em 80% do número de indivíduos maduros.



Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

Ocorre preferencialmente em pequenos cursos de água. Não existem estudos que permitam identificar as usas preferências em termos de habitat.

Esta espécie está abrangida pela legislação nacional e internacional de conservação. Vários locais foram designados para a lista nacional de sítios ao abrigo da Directiva habitats devido à sua presença entre outros valores, mas carecem ainda de medidas de ordenamento e gestão dirigidas à espécie. Foram identificados um total de 35 exemplares desta espécie em dois locais de amostragem na linha de água de “Vale Zebro” em 2009. Esta linha de água secou completamente nesse ano.

- Pesca ordenada na CL;
- Protecção das linhas de água e respectiva vegetação através da exclusão do pastoreio e da não mobilização do solo ou destruição da vegetação;

***Pelodytes punctatus* (Sapinho-de-verrugas-verdes)**

Classificado como espécie em perigo, sobretudo devido à fragmentação da população e devido à drenagem de zonas húmidas e canalização de rios.

É uma espécie que ocorre em florestas “com muita luz” (incluindo pinhais), assim como paisagens agrícolas e campos abertos. Ocorre habitualmente em águas estagnadas, desde lagoas profundas a pequenas charcas, pedreiras alagadas, linhas de água de pequeno caudal. Tem preferência por áreas arenosas e pedregosas.

- Protecção das linhas de água e charcas e respectiva vegetação através da exclusão do pastoreio e da não mobilização do solo ou destruição da vegetação;

Flora

***Thymus capitellatus* (Tomilho-do-mato)**

Consta do anexo IV da Directiva habitats (espécies vegetais que exigem uma protecção rigorosa).

Ocorre preferencialmente em solos arenosos ou dunas marítimas estabilizadas, em substratos porosos dunares ou derivados de arenitos argiláceos terciários. Coloniza zonas perturbadas de diversos tipos de matos seriais abertos em matagais, urzais, estevais e pinhais. Em zonas de montado aberto pode ocorrer em núcleos isolados. Espécie característica da Thymo capitellati-Stauracanthetum genistoidis (Rothmaler 1954) Rivas-Martínez, T.E. Díaz & F:Fernández-González 1990, endémica de Portugal. Em termos de habitats da Directiva Habitats, pode encontrar-se associada aos 2150, 2250, 2230, 2260, 2270 e 6310.

A maior mancha ocorre na zona de Belmonte. Tem-se constatado, no entanto, que a espécie aparece em diversos locais da Charneca (Ex: Silha Matias, Vale frades, Malhada Alta).

As orientações de gestão que visam não só a manutenção das áreas onde já existe mas também a proliferação e propagação para novas áreas recomendam:



Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

- Manutenção do uso do solo florestal, conjugando-se manchas de pinhal bravo com manchas de povoamentos abertos de sobreiro, sendo o sobreiro o objectivo último;
- Perturbações com padrão reticulado, resultantes da condução do pinhal ou sobreiral;
- A prática de desmatações selectivas, efectuando cortes controlados de urzais e tojais, promovendo o mosaico vegetacional;
- Ciclos de limpeza florestal de 3 a 5 anos, através do uso de corta-matos, evitando intervenções na primavera;
- A manutenção da presença de aceiros e clareiras nos pinhais;

Habitats

Habitats prioritários existentes na UGF:

91 EO (91E0pt3) - Florestas aluvionais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (alno-padion, *Alnion incanae*, *Salicion albae*)

Bosques caducifólios, frequentemente densos e sombrios, ripícolas ou paludosos. Ausentes dos cursos de água temporários ou de acusado regime torrencial.

Orientações de gestão:

- Delimitação dos habitats antes de qualquer operação na zona;
- Condicionamento das práticas de limpeza das margens dos cursos de água em áreas ocupadas pelo habitat;
- Manutenção de habitats associados (lameiros, juncais, prados);
- Condicionamento à construção de aproveitamentos hidráulicos;
- Condicionamento do corte de material lenhoso;
- Interdição ao pastoreio na área de ocupação do habitat.

2150 - Matos com *Ulex australis* subsp. *welwitschianus*-dunas descalcificadas atlânticas (Calluno-ulicetea) (2150*);

Dunas fixas com tojais, tojais-urzais e tojais-estevais psamófilos litorais ou sublitorais. Dominância de arbustos espinhosos do género *Ulex* (fam. Leguminosae) (*U. australis* subsp. *welwitschianus* ou *U. europaeus* subsp. *Latebracteatus*). Solos de textura arenosa profundos, oligotróficos e com baixa capacidade de retenção de água. Vegetação é interpretada como comunidades subseriais de bosques de *Querci* ou *Pinus*. Genericamente é favorecida pelo fogo.

Orientações de gestão:

- Delimitação dos habitats antes de qualquer operação na zona;
- Controlo das plantas exóticas infestantes;
- Promover a recuperação dos sistemas dunares (vd. 2120 e 2130);
- Desenvolver práticas de exploração sustentável do pinhal psamófilo, combinando a redução dos riscos de incêndio e a preservação deste habitat.



3170 - Charcos temporários;

Depressões de territórios de fisiografia plana (charcos endorreicos) ou margem de cursos de água, sazonalmente inundados por uma pequena altura de água doce. Colonizados por complexos de vegetação (*microgeosigmeta*) terofítica, anfíbia e efémera, de floração primaveril, de elevada diversidade (α e β). Territórios não montanhosos (<700 m) com solos de textura não arenosa. Preferem substratos siliciosos e oligotróficos, mais ou menos gleizados, em situações planas; por vezes surgem em solos argilosos derivados de calcários, em fisiografias do tipo poldge. Também podem ocorrer em depósitos fluviais onde predominam arenitos e conglomerados numa matriz argilosa.

Orientações de gestão:

- Delimitação dos habitats antes de qualquer operação na zona;
- Criar zona tampão em torno dos charcos temporários, com um mínimo de 50 m a contar da margem, onde deve ser interdita a aplicação de fertilizantes;
- Não drenar nem dragar;
- Não mobilizar o solo na área de ocupação do habitat;
- Não plantação de árvores, evitando o ensombramento;

4020 - Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*;

Formações arbustivas meso-higrófilas dominadas por urzes (*Erica ciliaris*, *E. tetralix*, *Calluna vulgaris*), tojos (geralmente *Ulex minor*) e espécies higrófilas do género *Genista* (*G. ancistrocarpa*, *G. anglica*, *G. berberidea*, *G. micrantha*). Além das espécies dominantes, são também frequentes diversas gramíneas (e.g. *Agrostis hesperica*, *Nardus stricta*), ciperáceas (e.g. *Carex asturica*, *C. pilulifera*), juncáceas (e.g. *Juncus squarrosum*) e dicotiledóneas herbáceas (e.g. géneros *Cirsium*, *Polygala*, *Potentilla*) característica dos prados e juncais com que habitualmente se organizam em mosaico (habitats 6230, 6410 e 6510). Colonizam tipicamente solos permanentemente húmidos que sofrem um período de encharcamento variável durante a estação das chuvas, situados em áreas depressionárias de planalto ou fundos de vale. Ao que tudo parece indicar, os urzais-tojais meso-higrófilos e higrófilos são subseriais de diversos tipos de bosques mistos de carácter edafo-higrófilo (por exemplo: no Noroeste do País, bosques mistos de carvalhos, salgueiros e/ou bideiros). Dispõem-se tipicamente em mosaico com cervunais higrófilos (classe *Nardetea*; habitat 6230), dependendo o predomínio de uma das formações de intensidade do pastoreio e/ou da roça. Nas catenas de vegetação arbustiva, os urzais meso-higrófilos situam-se tipicamente entre os matos climatófilos da classe *Calluno-Ulicetea* (habitat 4030) e os urzais turfófilos da classe *Oxycocco-Sphagnetea* (habitat 4010). Os urzais-tojais meso-higrófilos e higrófilos distinguem-se dos urzais turfófilos (habitat 4010) pela presença de *Ulex minor* e pela ausência (ou pequena abundância) de esfagnos (*Sphagnum* sp. Pl.).

Orientações de gestão:

- Delimitação dos habitats antes de qualquer operação na zona;



Companhia das Lezírias

Departamento Florestal, Biodiversidade e Sustentabilidade

- Interdição da drenagem das áreas deste habitat;
- Manter o pastoreio extensivo e não permitir concentrações de gado;
- Medidas de defesa contra incêndios.

Referências

- Cabral, M (Eds) (2006) *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. ICN. Assírio & Alvim.
- Díaz, M., Benigno, A. & Tellería, J.L. (1996) Aves Ibéricas I. No Paseriformes. J.M. Reyero Editor. Madrid.
- Equipa Atlas (2008) *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (1999-2005)*. ICNB, SPEA, PMM e SRAM. Assírio & Alvim, Lisboa
- Jordano, P. (1987) Notas sobre la dieta no-insectívora de algunos Muscicapidae. *Ardeola* 34: 89-98.
- Martí, R. & Del Moral, J.C. (eds.) (2003) *Atlas de las aves reproductoras de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza-Sociedad Española de Ornitología. Madrid.
- Rufino, R. (Coord.) (1989) *Atlas das aves que nidificam em Portugal Continental*. CEMPA, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.